

A trajetória do *Códice Florentino* de Bernardino de Sahagún e seus auxiliares indígenas

FLORA ALICE LIMA RODRIGUES*

Introdução

Nascido na vila de Sahagún, na Espanha, no ano de 1499, Bernardino de Sahagún ingressa na Ordem de São Francisco entre 1516 e 1518. Em 1529 chega ao México e trabalha como missionário até o ano de 1536, onde torna-se professor do Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco. Após deixar o trabalho no Colégio, em 1540, Sahagún retoma a evangelização que irá durar por mais cinco anos (ALVIM, 2005: 35). Durante o tempo em que evangelizava por terras americanas, o contato com os indígenas possibilitou ao franciscano um conhecimento mais aprofundado da língua e da cultura nativa. Foi a partir de 1547 que começa a recolher informações sobre a cultura indígena e a iniciar seus escritos que farão parte do *Códice Florentino*.

Dividida em 12 livros, esta obra é composta por duas colunas de textos, a primeira escrita em castelhano e a segunda escrita em *nahuatl*¹. Os prólogos dos livros foram escritos somente em castelhano, apresentando um único texto seguido das duas colunas separadas. O primeiro livro trata-se dos deuses e deusas do mundo indígena. O segundo livro relata as festas e cerimônias indígenas. No terceiro livro é tratado o mito de nascimento de Huitzlopochtli, a história de Quetzalcóatl e temas como a imortalidade da alma e o destino da alma no pós-morte. O quarto livro aborda a astrologia judiciária, no qual de acordo com os relatos de Sahagún, havia entre os nativos aqueles que liam a sorte dos que nasciam. Levava em conta a posição dos astros e, de acordo com cada signo, adivinhavam e prognosticavam a vida dos homens (GARIBAY, 1999: 215). O quinto livro vai tratar dos prognósticos que faziam para adivinhar o futuro. Para isso, o franciscano apresenta o funcionamento do calendário *Tonalpohualli*.

O tema do sexto livro do *Códice* diz respeito à Retórica e Filosofia Moral entre os nativos. Sahagún vai recorrer às tradições históricas indígenas para dar conta dos conhecimentos sobre medicina, os livros indígenas e o aspecto geográfico (GARIBAY, 1999:

* Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR/ UFRRJ). Bolsista CAPES.

¹ A língua *nahuatl*, falada na região central do México, tornou-se, no início do período colonial, uma espécie de língua franca.

295). Tratando da Filosofia Natural, tema do sétimo livro, Sahagún nos mostra algumas antigas lendas sobre a origem dos astros e seu conhecimento astrológico. O livro VIII relata a história e os costumes dos senhores indígenas e sua maneira de governar, principalmente os senhores de Tlatelolco, Tezcoco e Huexotla. O nono livro abarca os comerciantes e outros trabalhadores manuais, como os oficiais de ouro e prata. Os vícios e virtudes são tratados no décimo livro, no qual tenta mostrar as concepções indígenas sobre o caráter humano e seu controle social. O livro XI abarca o conhecimento sobre o mundo natural, como a botânica, a zoologia e a mineralogia. Por fim, o último livro, intitulado “*Que trata de la Conquista de México*”, aborda a conquista de México-Tenochtitlán.

Ao organizar o *Códice Florentino*, Sahagún elaborou seus próprios métodos de pesquisa que contava principalmente com a participação indígena. Seus ajudantes e alunos do Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco entrevistavam outros indígenas e compilavam tais informações, que podiam ser recebidas oralmente ou por meio de imagens, para o franciscano. Após reunir todas essas informações, Sahagún pode formar não só o *Códice Florentino*, mas também outras importantes obras. Com isso, este trabalho pretende abordar como se deu a trajetória e a elaboração da obra, assim como se deu a participação indígena neste processo.

A trajetória do *Códice Florentino*

Não se sabe exatamente a partir de que ano Sahagún começou a escrever o *Códice Florentino*, mas é consensual entre pesquisadores de que os primeiros escritos foram os dos livros XII e VI, escritos entre 1547 e 1555 (GARCIA QUINTANA, 1999: 164). No ano de 1569 Sahagún termina o texto em *nahuatl* de sua obra, dividida em 12 livros, cujas partes acabaram sendo dispersas entre os conventos da Ordem de São Francisco por toda a Nova Espanha (GARCIA QUINTANA, 1999: 164).

Somente no ano de 1573 ou 1574 é que Sahagún recolhe esses manuscritos com o apoio do novo Comissário Geral da ordem franciscana, Frei Rodrigo de Sequera, e é encarregado de escrevê-los novamente, mas com uma versão em castelhano. Entre 1575 e 1577, em Tlatelolco, Sahagún fez o que lhe fora confiado: um livro bilíngue em *nahuatl* e castelhano. No prólogo do Livro I, possivelmente escrito em 1575, o frade comenta que seus objetivos são linguísticos nesta obra, mas também como uma forma de fazer conhecer a gente mexicana:

“Aprovechará mucho toda esta obra para conocer el quilate de esta gente mexicana, el cual aún no se ha conocido, porque vino sobre ellos aquella maldición que Jeremías de parte de Diós fulminó contra Judea y Jerusalem (...) no sé lo que se podría hacer en el año de setenta que se sigue, pues desde el dicho año, hasta casi el fin de este año de mil quinientos y setenta y cinco no se pudo más entender en esta obra (...).”(CÓDICE FLORENTINO, 2007:1) ²

Ao preparar a versão castelhana do texto em *nahuatl*, o franciscano encarrega seus alunos e pintores de confeccionar centenas de páginas em duas colunas, pedindo para deixar espaços em branco na coluna castelhana para depois inserir as pinturas.

Em 1565, com o 2º Concílio Mexicano, fica proibida a tradução dos textos bíblicos para as línguas indígenas. Pretendia-se, no reinado de Felipe II, diminuir o poder das ordens mendicantes para concentrar cada vez mais o poder nas mãos do monarca (ALVIM, 2007: 47-48). Outra medida do governo foi implementar, em 1571, o Tribunal da Santa Inquisição que vai emitir em 1577 a proibição de todas as novas investigações sobre o mundo indígena e sua religião na Nova Espanha (BRADING, 1991: 141). Tais medidas restritivas recaíram também sobre a obra de Sahagún:

“Madrid, 22 de abril de 1577 - El Rey. Don Martín Enríquez, nuestro Visorrey Gobernador y Capitán General de la Nueva España, y Presidente de la nuestra Audiencia Real de ella. Por algunas cartas que nos han escripto de esas provincias, habemos entendido que Fray Bernardino de Sahagún, de la Orden de San Francisco, ha compuesto una historia Universal de las cosas más señaladas de esa Nueva España, la cual es una computación muy copiosa de todos los ritos, cerimonias e idolatrías que los indios usaban en su infidelidad, repartida en doce libros y en lengua mexicana; y aunque se entiende que el celo del dicho Fr. Bernardino había sido bueno, y con deseo que su trabajo sea de fruto, ha parecido que no conviene que este libro se imprima ni ande de ninguna manera en esas partes, por algunas causas de consideración; y así os mandamos que luego que recibáis esta nuestra Cédula, con mucho cuidado y diligencia procuréis haber estos libros, y sin que de ellos quede original ni traslado alguno, los enviéis a buen recaudo en la primera ocasión a nuestro Consejo de las Indias, para que en él se vean; y estaréis advertido de no consentir que por ninguna manera, persona alguna escriba cosas que toquen a supersticiones y manera de vivir que estos indios tenían, en ninguna lengua, porque así conviene al servicio de Dios nuestro Señor y nuestro (...).”(MEDINA, 1958: 6-7)

² O *Códice Florentino* encontra-se totalmente digitalizado na World Digital Library (WDL), diretamente do manuscrito da Biblioteca Medicea Laurenziana, de Florença. A WDL é um projeto da UNESCO e da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos em parceria com mais 31 instituições de vários países. Disponível em: <http://www.wdl.org/pt/item/10096/#q=c%C3%B3dice+florentino&qla=pt>.

Segundo Márcia Helena Alvim, o momento após o Concílio de Trento propiciou esse clima de instabilidade entre os missionários. Diversas obras foram confiscadas ao longo de todo o domínio espanhol, como a obra de Mendieta e a de Sahagún. A censura feita as obras missionárias tinha a intenção de fazer esquecer o passado indígena e, conseqüentemente, esquecer seu esplendor vivido tempos antes da conquista, e o fato de que a Igreja, muitas vezes, criticava o conteúdo milenarista dessas obras e a relação desses missionários com os nativos (ALVIM, 2007: 46-47).

Neste momento, novas formas de evangelização fizeram-se necessárias, assim como a revisão do projeto catequético. A Coroa e a Igreja atuaram repressivamente contra missionários, tanto na forma da Inquisição, como na perda de cargos eclesiásticos ou políticos (ALVIM, 2007: 48).

Apesar de considerarmos que o *Códice Florentino* foi finalizado possivelmente em 1578, como afirma Maria José Garcia Quintana, uma introdução teria sido adicionada em 1585 ao livro XII no manuscrito. Embora do conteúdo do *Códice Florentino* ter sido banido da Nova Espanha, muitos manuscritos de Sahagún ainda circulavam entre os missionários. Para Marcia Helena Alvim, após 1585 Sahagún vai revisar seus escritos e acrescentar algumas informações. Sabemos que em 1585 o texto foi liberado apenas para ser utilizado pelos franciscanos, para que estes pudessem conhecer melhor a cultura nativa, identificando suas idolatrias para melhor combatê-las (ALVIM, 2003: 50).

Estudos recentes apontam que o *Códice Florentino* chegou a Europa provavelmente entre os anos de 1580 e 1585 (ORTIZ CASTAÑARES, 2013). Assim, segundo José Martínez, ao fazer uma revisão do último livro da obra, o franciscano pretende “*enmendar en la segunda defectos y omisiones y dar una versión más fiel de la Conquista*” (MARTINEZ, 1981: 81). Nesta versão do libro XII, sobre conquista de México-Tenochtitlán, Sahagún afirma que “*viejos principales, y muy entendidos en todas las cosas así de la idolatría como de la república, y oficios della, y también que se hallaron presentes en la guerra cuando se conquistó esta ciudad*” (SAHAGUN APUD MARTINEZ, 1981: 81).

Para Miguel León-Portilla, ao revisar, no ano de 1585, toda a obra, o livro XII foi alterado, com a proposta de “suavizar” os feitos que condenam os espanhóis (LEON-PORTILLA, 2013: 150). Na introdução de 1585, por exemplo, o frade tenta melhorar a imagem de Cortés:

“Tuvo instinto divino este nobilísimo capitán D. Hernando Cortés, en no parar en lugar ninguno hasta venir a la ciudad de México (que es metrópoli de todo este imperio), en la cual habiendo pasado muchas cosas después que comenzó la guerra (como adelante se dirá) milagrosamente le libró Dios a él y a muchos de los suyos de la manos de sus enemigos”. (CÓDICE FLORENTINO, 2007:720)

Para o autor, o frade assumiu uma nova postura por dois motivos: primeiro porque outros franciscanos, como Gerónimo de Mendieta, também estavam assumindo a mesma atitude; e segundo porque o frade sabia da condenação de sua obra e, ao temer que esta fosse completamente destruída, tentava suavizar sua visão acerca da conquista (LEÓN-PORTILLA, 2013: 159).

A elaboração da obra

A elaboração do *Códice Florentino* segue características muito próprias do modelo sahaguntiano. Ao preparar a obra, Sahagún reuniu anciãos para responder às perguntas previamente elaboradas. Esses informantes podiam ser sacerdotes, nobres, antigos governantes ou até mesmo sábios que faziam parte da elite indígena e, conseqüentemente, tinham conhecimentos que só esse grupo possuía, como os aspectos esotéricos, os rituais, a utilização do calendário e o acesso aos códices religiosos e históricos (NAVERRETE LINARES, 2002: 101). As respostas eram dadas oralmente ou por meio das imagens para os alunos indígenas – formando os códices que seriam depois copiados e anexados pelo cronista ao *Códice Florentino*.

Esses alunos escreviam em *nahuatl* ao pé das imagens pintadas por estes sábios (ALVIM, 2005: 36). Educados no Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, os mesmos também faziam parte da nobreza indígena. O que é preciso destacar aqui é a atuação imprescindível dos alunos indígenas na elaboração da obra. Sahagún informa no prólogo do segundo livro de sua obra que seus alunos e ajudantes eram: Antonio Valeriano, da cidade de Azcapotzalco; Antonio Verjarano, de Cuauhtitlán; Martín Jacobita, Pedro de San Buenaventura e Andrés Leonardo, todos os três originários de Tlatelolco.

A oralidade e os antigos manuscritos indígenas foram as principais fontes utilizadas por Sahagún para conhecer o mundo indígena. Segundo Garibay, os códices indígenas foram as principais fontes do cronista que podem ser divididas em dois tipos: as fontes tradicionais e as fontes oficiais. As fontes tradicionais possuíam duas formas de serem transmitidas, seja

pela representação de imagens ou oralmente, em entrevistas com pessoas que conheciam antigas histórias e tradições. As fontes oficiais eram transmitidas quando o cronista queria saber de algum assunto específico, ou seja, ele tratava diretamente com o grupo responsável por aquele assunto – grupos dos negociantes, artistas ou sacerdotes (GARIBAY, 1999:27).

Para Garibay, ao recolherem as informações dos sábios e compilarem as mesmas em *nahuatl*, antes mesmo de passarem tais informações para Sahagún, esses alunos, por dominarem a língua e o universo cultural dos dois mundos, acabaram por ressaltar elementos indígenas que coincidissem com os valores cristãos (GARIBAY, 1999:7).

O processo de compilação de informações teve três etapas. A primeira etapa corresponde ao período entre 1558 e 1560 em Tepepulco, onde recolheram pinturas ou códices feitos pelos sábios indígenas (GARIBAY, 1999:7). A segunda etapa, em Tlatelolco, ocorreu entre os anos de 1560 a 1565. Ao compilar todo o material recolhido na etapa anterior, Sahagún e seus alunos reescreveram seus trabalhos, acrescentando novas informações. Na terceira etapa, 1565-1568, houve a revisão e divisão do material em doze livros (GARIBAY, 1999:8).

O contato entre indígenas e missionários pode ser pensado aqui partindo do conceito de tradução proposto por Maria Cristina Pompa. A autora entende tradução como um processo de negociação e estratégia para melhor responder ao ideal de reconhecer no “outro” o “meu” próprio mundo (POMPA, 2003: 95). Em sua análise, Pompa afirma que nos relatos de viagem, seus escritores já conheciam os indígenas através de uma literatura clássica, medieval e renascentista. A imagem do selvagem, como bárbaro e demoníaco, já ocupava o imaginário cristão muito antes das descobertas. Esses estereótipos vão ser uma forma do índio se integrar ao imaginário ocidental, recebendo, assim, um valor e uma classificação (ALVIM, 2005: 37). Os indígenas e seu mundo passaram, portanto, por um processo de “tradução”, de forma que o “outro”, neste caso os nativos americanos, se tornavam inteligíveis aos olhos europeus. É importante ressaltar que esse processo se deu a partir das duas perspectivas envolvidas neste estudo, do indígena e do missionário, tendo ocorrido nos dois sentidos. Ou seja, a cultura europeia cristã, com suas ideologias, conceitos, saberes e práticas também foi traduzida e interpretada pelos indígenas.

Assim, por já estarem cristianizados e ocidentalizados, acabavam filtrando as informações antes dessas chegarem ao franciscano. Segundo Navarrete,

“(...) en muchos casos las intenciones originales del franciscano (...) no fueron acatadas, pues los propios informantes respondieron de acuerdo con sus intereses (...) y los ayudantes sabían, mejor que nadie, que respuestas convenía darle a su jefe (...)”(NAVARRETE LINARES APUD ALVIM, 2005:36).

Esses alunos indígenas acabavam por ficar na posição de intermediários e tradutores entre as duas culturas. Federico Navarrete Linares nos mostra a importância de se compreender o contexto em que essas crônicas estavam sendo desenvolvidas. Ao entrar em contato com a cultura europeia, a tradição histórica indígena absorveu elementos europeus como forma de atualização e conservação de suas funções e autoridades (NAVARRETE LINARES, 2011: 81). Apesar desse novo modelo imposto, houve uma adaptação das tradições históricas indígenas neste ambiente colonial. Segundo o autor, essas tradições, apesar de continuarem se dirigindo a seu público tradicional, ou seja, às elites indígenas, neste momento colonial também se dirigiam aos espanhóis. Por isso, muitas vezes, faziam adaptações em seus discursos e conteúdos para melhor se encaixarem no modelo europeu.

É importante destacar que os alunos indígenas filtravam os conteúdos antes de passarem as informações para Sahagún. Segundo Alexandre C. Varella, é preciso considerar a rede de informações como agente e sujeitos na obra de Sahagún (VARELLA, 2013:2). Assim, neste trabalho não pretendemos ver a versão *nahuatl* como um puro relato indígena, mas sim como um texto também modificado por Sahagún e seus ajudantes. A obra possui diversos filtros que impedem um resgate de tempos pré-hispânicos (CARRASCO APUD VARELLA, 2013: 3).

Partindo também da análise de Pablo Escalante Gonzalbo, percebemos que no discurso histórico a fusão entre as tradições indígenas e europeias é latente. Ou seja, valendo-se de analogias, os indígenas construía imagens de seu próprio mundo, adaptando-as de acordo com os saberes europeus, principalmente, tendo como base a Bíblia. Escalante Gonzalbo afirma que houve uma constante reformulação do passado mesoamericano por parte dos indígenas ao longo do século XVI (ESCALANTE GONZALBO, 2002: 68). No segundo livro, por exemplo, que relata as festas e os calendários indígenas, Sahagún entende as “barbaridades” cometidas pelos indígenas ao longo de suas festas como uma influência e atuação do demônio na América.

“No creo que haya corazón tan duro que oyendo una crueldad tan inhumana, y más que bestial y endiablada, como la que arriba queda puesta, no se enternezca y mueva a lágrimas y horror y espanto; y ciertamente es cosa lamentable y horrible ver que

nuestra humana naturaleza haya venido a tanta bajeza y oprobio que los padres, por sugestión del demonio, maten y coman a sus hijos, sin pensar que en ello hacían ofensa ninguna, mas antes con pensar que en ello hacían gran servicio a sus dioses” (CÓDICE FLORENTINO, 2007: 56).

Percebemos que o religioso tenta explicar com sua visão de mundo cristão o relato feito por seus alunos. Apesar de não ter escrito a obra por inteiro, Sahagún idealizou toda sua estrutura, seguindo sua concepção sobre o mundo indígena. Foi o cronista quem elaborou todas as questões respondidas pelos informantes. Inserido em uma tradição ocidental, na qual escritores antigos tomam para si escritos de outros, Sahagun recolheu todo o material levantado por seus alunos e, a partir daí, corrigiu, adicionou ou retirou algumas informações para compor a primeira coluna do *Códice Florentino*, escrita em castelhano, enquanto a versão em *nahuatl* permanecia na segunda coluna.

Sua obra foi pensada e elaborada seguindo os moldes europeus. A organização dos doze livros segue uma linha de raciocínio da hierarquia medieval, em que primeiro há os relatos sobre o divino, depois a referência ao homem e, por último, o conhecimento da natureza (ALVIM, 2005: 37). Percebemos que a obra também possui influências das tradições enciclopédicas clássicas. Segundo Ascención Hernandez de León-Portilla, o pensamento grego visava abranger, em uma única obra, em forma de enciclopédia, todo o conhecimento sobre a natureza (plantas, minerais, geografia, física, astronomia, etc). Como exemplo de obra enciclopédica temos Aristóteles que influenciou todo o pensamento cristão e árabe (LEÓN-PORTILLA, 2000: 23). A bagagem cultural de Sahagún e seu conhecimento adquirido na Europa fizeram com que o cronista imprimisse em sua obra uma estrutura fortemente influenciada pelos clássicos ocidentais, como Plínio e Isidoro de Sevilha. Consequentemente, o conteúdo indígena acabou por ser alterado, visto que foi contado pela ótica do mundo ocidental.

Os relatos sobre a conquista, segundo Luiz José Martinez, começaram a mudar em relação às primeiras informações a medida que Sahagún teve acesso aos novos informantes, pois os primeiros informantes haviam estado na guerra de Conquista e, provavelmente, os próximos informantes já não eram mais testemunhas e sim acreditavam saber da verdade (MARTINEZ, 1981: 82). Segundo León-Portilla, até 1577 Sahagún tinha uma postura condenatória em relação à conquista, porque conhecia de perto a situação dramática dos índios (LEÓN-PORTILLA, 2013: 154). Para Luiz José Martinez, a nota “*Al lector*” do livro

XII teria sido escrita entre 1575 e 1577, no qual Sahagún dá “oportunidade” aos que foram conquistados – seria a sua “visão dos vencidos”.

“Aunque muchos han escrito en romance la conquista de esta Nueva España según la relación de los que la conquistaron, quisela yo escribir en lengua mexicana, no tanto por sacar algunas verdades de la relación de los mismos indios que se hallaron en la conquista, cuanto por poner el lenguaje de las cosas de la guerra y de las armas que en ella usan los naturales, para que de allí se puedan sacar vocablos y maneras de decir, propias para hablar en la lengua mexicana acerca de esta materia. Allégase también a esto que los que fueron conquistados supieron y dieron relación de muchas cosas que pasaron entre ellos durante la guerra, las cuales ignoraron los que los conquistaron, por las cuales razones me parece que no ha sido trabajo superfluo el haber escrito esta historia, la cual se escribió en tiempo que eran vivos los que se hallaron en la misma conquista, y ellos dieron esta relación, y personas principales y de buen juicio, y que se tiene por cierto que dijeron toda verdad”.(CÓDICE FLORENTINO, 2007:407)

Sahagún condena as práticas da conquista no prólogo do Livro I, escrito em 1575: “*Esto a la letra ha acontecido a estos indios con los españoles: fueron tan atropellados y destruidos ellos y todas sus cosas, que ninguna apariencia les quedó de lo que eran antes.*”(GARIBAY, 1999:18). Percebemos que o “motivo” para escrever tal livro além de ser linguístico (para saber em língua indígena vocábulos referente às armas e às guerras) é também, para Sahagún, uma questão de dizer a “verdade” sobre a conquista através dos relatos de pessoas “principais”, ou seja, relatos de pessoas que faziam parte da elite indígena que estavam presentes naquele momento (“*en tiempo que eran vivos los que se hallaron en la misma conquista*”). A maioria dos informantes que relatavam a conquista, segundo Martinez, eram tlatelolcas, assim como três de seus principais alunos, Martín Jacobita, Pedro de San Buenaventura e Andrés Leonardo. Assim, os textos muitas vezes enfatizam melhor as ações dos tlatelolcas na guerra. Seus relatos mostram maior fatalidade e maior interesse pela ação desses grupos e até mesmo algumas reservas em relação aos mexicas (MARTINEZ, 1981:82)

Conclusão

Quando os textos em *nahuatl* passavam pelas mãos de Sahagún para constituir um novo texto em castelhano, não era uma tradução que estava sendo feita e sim um texto híbrido, modificado. A partir do texto *nahuatl* Sahagún faz sua versão para o espanhol, que é uma transposição linguística e cultural do texto *nahuatl*.

Ao estudarmos suas obras, percebemos que Sahagún não faz da versão em espanhol, uma versão pura e fiel dos textos indígenas. A tradução, muitas vezes, foi feita de forma errônea, ou até mesmo omitindo algumas informações propositalmente, caso não fizesse parte de seu objetivo maior. Seus objetivos e a estruturação da lógica interna da obra seguiam a inspiração dos modelos clássicos e o vínculo com o humanismo espanhol, o que acabava por transformar os conteúdos indígenas.

A versão em *nahuatl* na sua forma de narrar os fatos, mostra uma permanência das tradições históricas indígenas. No entanto, é preciso considerar que, apesar dessa tradição indígena estar muito presente em toda a obra, os filtros dos alunos são evidentes, uma vez que estes já se encontravam cristianizados e conheciam os modelos ocidentais de escrita. Ao mesmo tempo, a versão em *nahuatl*, de acordo com Sahagún, teria a função de propor um estudo linguístico para os futuros missionários que chegassem à Nova Espanha. Alguns missionários acreditavam que era essencial conhecer a língua indígena para promover a evangelização.

Assim, o *Códice Florentino*, através de sua escrita nas duas versões, mostra dois mundos distintos em uma mesma obra. A presença da língua indígena, as imagens que ainda faziam referências ao mundo pré-colombiano, rituais, calendários, tudo isso é visível em um único documento.

Referências Bibliográficas

ALVIM, Marcia Helena. O sistema calendárico dos mexicas pré-hispânicos nos escritos sahanguntianos. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 33-48, jan.-jun. 2005.

_____. *Dos céus e da terra: astrologia judiciária e descrição da superfície terrestre nos relatos missionários da Nova Espanha do século XVI*. 2007. 280f. Tese (Doutor em Ciências). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. *Observações celestes no México antigo: uma interpretação da astronomia mesoamericana na obra de frei Bernardino de Sahagún (1499- 1590)*. 2003, 139 f. Dissertação (Mestre em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BRADING, David. *Orbe Indiano: de la monarquía católica a la Republica criolla 1492-1867*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

- ESCALANTE GONZALBO, Pablo. Primer Espejo. In FLORESCANO, E. (coord.). *Espejo mexicano*. México: Consejo Nacional para la cultura y las artes; Fundación Miguel Alemán; FCE, 2002.
- FLORENTINO, Códice. BIBLIOTECA Medicea Laurenziana. *The World of the Aztecs in the Florentine Codex*. Florence: Mandragora, 2007.
- GARCÍA QUINTANA, María José. Historia de una *Historia*. Las ediciones de la Historia general de las cosas de Nueva España de fray Bernardino de Sahagún. *Revista Estudios de Cultura Náhuatl*. UNAM, n. 29, 1999.
- GARIBAY, Ángel Maria. Introducción. In: SAHAGUN, fray Bernardino de. *Historia General de las cosas de Nueva España*. México: Editorial Porrúa, 1999.
- LEON-PORTILLA, Ascencion Hernandez. La Historia General de Sahagún: primera enciclopedia antropológica en el universo de las culturas. *Ciencia Desarrollo*, México, v. 26, n. 150, 2000.
- LÉON-PORTILLA, Miguel. La conquista de México duramente condenada por Sahagún. *Revista Estudio de Cultura Náhuatl*, n. 45, 2013.
- MARTINEZ, José Luiz. Fray Bernardino de Sahagún e sus informantes indígenas: vida e obra. In: SAHAGÚN, Bernardino de. *El México antiguo: selección y reordenación de la Historia general de las cosas de Nueva España de fray Bernardino de Sahagún y de los informantes indígenas*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1981.
- MEDINA, José Toribio. *Historia de la imprenta en los antiguos dominios españoles de América y Oceanía*. Santiago de Chile, vol. 1, pp. 6-7, 1958. Disponível em: <<http://www.traduccionliteraria.org/1611/esc/america/sahagun.htm>>. Acesso em: 02/03/2014.
- NAVARRETE LINARES, Federico. La sociedade indígena en la obra de Sahagún. In: LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Bernardino de Sahagún: quinientos años de presencia*. México: UNAM, 2002.
- _____. *Los orígenes de los pueblos Indígenas del Valle de México: los altépetl y sus historias*. México: Editorial UNAM, 2011.
- ORTIZ CASTAÑARES, Alejandra. El Códice Florentino ya puede consultarse con un clic. *La Jornada*, México, fev. 2013. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2013/02/06/cultura/a04n1cul>> Acesso em: 11/04/2015.

POMPA, Cristina. *Religião como Tradução – missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*.

São Paulo: Edusc, 2003.

VARELLA, Alexandre C. Os “informantes” do frade Sahagún: da etnografia avant la lettre aos limites do “outro” em relatos indígenas no México do século XVI. In: VII Encontro Regional Sul de História Oral, 2013, Foz do Iguaçu, *Anais...Foz do Iguaçu*: UNILA, 2013.